

Imprensa periódica para mulheres na primeira metade do século XIX. Catarina de Andrada e o jornal *L'Abeille* (1836 e 1840-53)

1. A HISTÓRIA DE UMA «CARREIRA»

O nome de Catarina Douthat Álvares de Andrada, casada com Francisco Ladislau Álvares de Andrada e, durante toda a sua vida, conhecida por Mme. de Andrada, aparece esporadicamente quando se trata da vida cultural e social dos anos 40 a 60. Tendo ela própria omitido o seu apelido de solteira nos escritos literários que assinou, é citada, de passagem, como directora do jornal *L'Abeille*, mas também como fundadora e responsável por um conhecido colégio feminino que abriu em 1842.

A iniciativa do jornal em questão deveu-se, de facto, a seu marido, como veremos, mas, na perspectiva dos contemporâneos, e na memória dos dicionários, é Mme. de Andrada que fica. Como escritora, jornalista e educadora de mérito¹.

Os escassos dados biográficos que conseguimos reunir a seu respeito e a ausência de documentos oficiais desaparecidos, ou aos quais ainda não foi possível termos acesso, apenas permitem um esboço, mais que lacunar, do que foi a sua existência em Portugal.

Catarina Douthat terá nascido em França e aí terá sido educada na primeira vintena do século. No colégio que frequentou conheceu a poetisa Pauline de Flaugergues, a quem virá a reencontrar em Lisboa, em 1836². Deve ter casado em 1828, provavelmente na capital³. Em 1829 vive em Orleães com o seu marido, então ao serviço do Governo de D. Miguel e sob a autoridade do visconde de Santarém. Este utiliza os seus talentos, duvidosos, na elaboração dos trabalhos historiográficos que haviam de celebrar o então ministro, todo-poderoso, do regime absolutista.

É de crer que os pais de Catarina de Andrada tenham coabitado com o casal⁴. Ana Douthat virá a falecer em Lisboa, em 1850, em casa de sua filha,

* Departamento de Línguas e Culturas Modernas da Universidade de Aveiro.

¹ Xavier da Silva Pereira, no seu *Dicionário* ainda inédito, e Inocêncio Francisco da Silva são dos poucos que identificam o primeiro director de *L'Abeille*.

² Cf. Vitorino Nemésio, *Relações Francesas do Romantismo Português*, Coimbra, 1936; Henrique de C. Ferreira Lima, *Uma Poetisa Francesa em Portugal. Pauline de Flaugergues*, Coimbra, 1923, e Álvaro J. da Costa Pimpão, «Castilho e Pauline de Flaugergues. Um encontro romântico», in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, ano V, n.ºs 17-18, 1959.

³ A informação encontra-se em requerimento de Francisco de Andrada datado de 1850.

⁴ Duas cartas do mesmo, com data de 1829, referem os pais de Mme. de Andrada, que estariam com o casal em Orleães.

quando esta, separada, na prática, de seu marido, atravessa um período de grandes dificuldades, a que aquele não é alheio.

Em 1829 ou 1830, Francisco de Andrada toma partido por D. Maria, mas a sua exoneração oficial sobrevém apenas em 1832. Até ao final da Guerra Civil, Catarina de Andrada acompanha o marido nas suas deslocações entre Paris e Londres⁵.

Em 1834, o antigo colaborador do visconde de Santarém obtém, apesar de alguns protestos públicos, o lugar de amanuense de 2.^a classe na Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros. Em 1835, gorada a hipótese de nova missão em França, ao serviço do novo regime e como auxiliar de Francisco Solano Constâncio, Francisco de Andrada procura meios de comprovar a autenticidade da sua adesão ao Governo liberal. Um desses meios, comum na época, será a publicação do periódico *L'Abeille*, que sai em Abril de 1836. Nega ter programa político, mas declara destinar-se «à parte civilizada da nação portuguesa». Totalmente redigido em francês, a partir do segundo número, destina-se à burguesia esclarecida, que então se instalava no poder, e aos numerosos estrangeiros residentes em Lisboa, como é expressamente afirmado.

Francisco de Andrada, de Abril a Novembro de 1836, opta pelo anonimato. As conjecturas em torno da identidade do director do novo jornal atestam também o agrado com que é recebido. Partilham o segredo de *L'Abeille* algumas personalidades ligadas ao chamado «círculo de Castilho», entre elas Pauline de Flaugergues, ao tempo preceptora dos filhos da infanta Ana de Jesus Maria.

Nesta primeira fase — o jornal suspende-se com o setembrismo — é imediatamente visível que Francisco de Andrada considera a sua actividade de jornalista e de crítico, incondicionalmente a favor do teatro francês, bem mais adequada aos seus talentos que o trabalho obscuro, mal pago e mal executado que produz na Secretaria onde se acolheu. O projecto de *L'Abeille* é ambicioso e dispendioso. A decisão de a transformar num «jornal francês» só se torna possível com a eficaz colaboração de Catarina de Andrada.

Os jornais «com política» que tecem elogios a *L'Abeille* pela sua utilidade e pelas suas qualidades recreativas sabem ou suspeitam de quem se trata e a quem se deve a criteriosa selecção dos textos publicados⁶. O nome de Mme. de Andrada nunca será pronunciado, mas conhecem-se as suas actividades e as «suas muitas letras e prendas». O testemunho que nos remete para esta época da sua vida vem justamente de Pauline de Flaugergues, uma das colaboradoras identificadas de *L'Abeille*. Recordando o acontecimento que constituiu a divulgação, no elegante jornal, das então desconhecidas cartas de William Beckford, a poetisa francesa reflecte a opinião daqueles que, nos salões da capital, puderam apreciar os dotes de Mme. de Andrada⁷.

⁵ Cf. nosso artigo sobre Francisco de Andrada, de próxima publicação.

⁶ Cf. *O Português Constitucional*, n.º 41, de 18 de Agosto de 1836. O elogio de *L'Abeille* deve-se a Almeida Garrett. Cf. Henrique de C. Ferreira Lima, *op. cit.*

⁷ No seu livro *Au bord du Tage*, Paris, 1840, afirma:

(...) Madame Catherine de Andrada, femme d'une rare mérite, qui écrit avec une élégance égale en trois langues, le français, l'anglais, et le portugais. Il m'est bien doux de lui rendre ici un témoignage de ma haute estime et de ma tendre affection.

Para Francisco de Andrada, os primeiros ventos do setembrismo anunciavam uma indesejada tempestade⁸. O casal deixa Lisboa por alguns meses, por alegada doença do marido. Em 1837, porém, já Mme. de Andrada se encontra em Lisboa. E deve ter recommençado a frequentar as casas da boa burguesia, nomeadamente a casa de António Feliciano de Castilho, em torno do qual a veremos gravitar ao longo dos anos. A partir desse período, em que nos serões recommençavam e já se estremavam os campos, mesmo no terreno, que se quis neutro, da vida cultural, Catarina de Andrada conheceu as «suas horas de glória», como diz Pinheiro Chagas⁹.

Com a passagem, já em curso, para a ditadura de Costa Cabral, *L'Abeille* ressuscita em Outubro de 1840. Só então Francisco de Andrada se identifica como responsável pela revista, reconhecendo, explicitamente, a contribuição de sua mulher:

No seguimento de breve polémica que o opõe à *Revista Teatral* declara:

(...) *L'Abeille* n'a pas une rédactrice, mais bien un rédacteur, qui est toujours le même, depuis que ce journal a commencé (...) et qui signera dorénavant chaque numéro, parceque nous ne voulons pas que personne porte la responsabilité qui nous revient. Il y a certainement quelques dames distinguées dans les Arts et dans les Lettres, qui veulent bien orner *L'Abeille* des productions de leur admirable talent; il y en a surtout une, qui nous aide en cela comme en tout, et qui compose ou traduit les principaux articles de fond de notre journal; mais tout ce qui entre dans la «Chronique de la Semaine» est notre ouvrage, et l'on devrait facilement concevoir que cette partie ne pouvait pas convenir à une dame, quelque talent qu'elle eût¹⁰.

L'Abeille, que em breve passará a ser publicada quinzenalmente, por força de uma lei que já provoca protestos de outros colegas menos conformistas, deve quase tudo a Mme. de Andrada. É-lhe vedada a crónica noticiosa e sobretudo a crítica dos espectáculos, que seu marido nunca lhe confiará.

A declaração do director de *L'Abeille* está em consonância visível com o discurso liberal que Francisco de Andrada assume activamente, através das posições implícitas da revista, quer na «Crónica semanal» (e logo depois «de la Quinzaine»), quer nas narrativas que apresenta. Trata-se de atribuir à mulher, esposa e educadora, um estatuto adequado às necessidades do modelo familiar, que urgia promover num país a renovar¹¹. *L'Abeille* defenderá até ao fim a forma de convivialidade social e conjugal que inspira a «Nota da redacção» acima transcrita. Catarina de Andrada, tacitamente de acordo, não se pronuncia, mantendo um conveniente silêncio. Como veremos, só mais tarde se decidirá a falar por si.

Até finais de 1841, a segunda redactora de *L'Abeille* colabora com o «redactor principal». Com aquele celebrado «jeito oblíquo das mulheres»,

⁸ O próprio Francisco de Andrada e outros dos seus colegas se queixam de que a agitação política deixa desertos os teatros...

⁹ Cf. o seu *Dicionário Popular* (...)

¹⁰ *L'Abeille*, n.º 3, 1840, pp. 90-92.

¹¹ O conto «Le contrat de mariage» é exemplo paradigmático das posições de *L'Abeille* sobre a adequabilidade do casamento à nova formação social (*L'Abeille*, n.º 18, 1836, pp. 438-442).

exprime-se através da selecção e adaptação dos textos, que escolhe certamente, em função do público feminino que pretende alcançar e educar. Nunca o seu nome aparecerá senão como tradutora de obra alheia.

Em Outubro de 1841, Francisco de Andrada prepara-se para regressar a Paris, de novo para colaborar com o visconde de Santarém, cujo trabalho é agora subsidiado, ainda que mal, pelo Governo de Lisboa. A sua partida é entusiasticamente comunicada aos leitores, que supõe, com alguma razão, contagiados pela sua incondicional francofilia. Uma profunda remodelação da revista é anunciada... mas não se verifica. De facto, será Catarina de Andrada quem assume, com os meios de que dispõe em Lisboa, a direcção global de *L'Abeille*. Escreve mesmo a «Crónica noticiosa e mundana», que seu marido declara ter deixado ao cuidado de «pessoa de qualidade», um homem, pelos motivos aduzidos em 1840.

As relações do casal terão vindo a deteriorar-se, pelo menos a partir dessa época. Ainda assim, Mme. de Andrada prefere salvaguardar as aparências. Perante um elogioso artigo publicado em o *Correio de Lisboa*, responde nestes termos ao seu redactor principal:

Senhor Redactor: Acabo de ver, no seu estimado jornal de ontem, um artigo que diz respeito ao jornal *A Abelha*, muito lisonjeiro, por certo; mas a menção que aí faz três vezes do meu nome penaliza-me infinito (*sic*); porque não pode agradar a uma senhora ver o público ocupar-se dela, e menos na ausência do marido.

Ainda que verdadeiramente grata pelo interesse que V. Ex.^a mostra pela *Abelha*, peço-lhe se sirva de inserir sem falta, na sua folha de amanhã, esta minha carta, para fazer conhecer o sentimento que tenho da publicidade que V. Ex.^a quis dar ao meu nome, sem que eu interviesse nisso de modo algum.

Sou, Senhor Redactor (...)
D. Catarina Álvares de Andrada
Lisboa, 19 de Outubro de 1841¹².

Com alguns protestos lisonjeiros, Catarina de Andrada vê a sua modéstia e a sua prudência reconhecidas.

O discurso público de Mme. de Andrada será sempre deste teor. Não podia, nem terá querido proferir outro ao revés da ideologia então vigente. Em *L'Abeille*, alguns textos sem assinatura dirão, apesar de tudo, palavras diferentes.

Em 1842, Catarina de Andrada, em fase de litígio confessado com seu marido, apela para a rainha, em carta que reproduzimos em nota¹³. Sempre

¹² *Correio de Lisboa*, n.º 997, 1841.

¹³

SENHORA. Prostrada perante o Augusto Trono de Vossa Majestade se apresenta hoje Catarina Douthat Álvares de Andrada, mulher de Francisco Ladislau Álvares de Andrada, obrigada, bem a seu pesar, a elevar uma súplica à presença de Vossa Majestade contra seu esposo. Vida penosa e cheia de amarguras passava a suplicante desde alguns tempos sem que recebesse daquele que tinha por dever alimentá-la mais do que palavras grosseiras e ameaçadoras, que enchiam seus dias de pesares e de luto. Resignada com a sua sorte, sofria a suplicante, e, forte de sua consciência, não proferia um só queixume (...) Ah! Senhora, quanto é dolorosa a uma alma bem nascida levantar o véu de calamidades domésticas para afflir o coração maternal de Vossa Majestade, acostumado ao affecto de um Esposo amante e carinhoso! Não se dignou a Providência, em seus altos decretos,

assumindo os valores aceites, descreve a sua situação real, em tudo oposta ao que o conteúdo de *L'Abeille* deixa claramente defendido nas narrativas exemplares que publica.

Nessa ocasião, Catarina de Andrada obtém o que pretende. Não será obrigada a acompanhar o marido a Paris; fica colocada «sob custódia» de sua mãe e recebe a pensão que exigia.

Para aumentar os poucos recursos de que dispõe, Mme. de Andrada abre um colégio em sua casa. Ao mesmo tempo assume oficialmente a sua qualidade de directora de *L'Abeille*, agradecendo, enfim, os apoios que tinha vindo a receber¹⁴. Com efeito, a *Revista Universal Lisbonense* tinha publicado, com escasso intervalo, dois artigos importantes sobre o jornal e, logo a seguir, sobre o novo colégio. No primeiro, o silêncio que cobre o nome do fundador de *L'Abeille* contrasta com o vivo entusiasmo com que o de Mme. de Andrada é saudado; no segundo fica patente o conceito em que a sua acção é tida pelos intelectuais do tempo. A *Revista Universal Lisbonense*, então dirigida por Castilho, gozava de real prestígio, e é Silvestre Pinheiro Ferreira que assina o texto a seguir reproduzido:

EDUCAÇÃO DE MENINAS. Das pouquíssimas casas que em Lisboa temos para a educação feminina a que se possa dar louvor, uma é a da Sr.^a D.^a Catarina Álvares de Andrada. Dali têm saído um grande número de senhoras completas, que hoje estão sendo no trato doméstico exemplares e nas sociedades ornamentos mui distintos. Em uma e outras qualidades excede a ilustre directora: das suas virtudes familiares, morais e íntimas é prova o filial afecto e respeito com que suas alunas a tratam, e que nunca depois se vem a desmentir ou a enfraquecer; dos seus talentos agradáveis e da arte com que os sabe transmitir são testemunhas quantas pessoas frequentam as salas em que se reúnem companhias escolhidas. A conhecimentos mui variados em literatura, assim nacional como estrangeira, ajunta a Sr.^a Andrada uma rara perfeição na arte que de todas é a mais própria do seu sexo, a música; sendo igualmente destra no piano e na harpa...

A doutrina cristã, a história sagrada e profana, a geografia, a gramática geral e particular das línguas portuguesa, francesa e inglesa, a escrita e a aritmética são os ramos de instrução daquele estabelecimento.

O bom método ali adoptado permite que as meninas, dentro em mui pouco tempo, falem correntemente, sem esforço nem confusão, pelo uso de umas com outras, as três línguas sobreditas.

abençoar a suplicante com tão incomparável mercê, e, vendo-se desamparada, exposta aos maus tratos daquele que devia ser seu natural protector, colocou-se debaixo da salvaguarda da lei e requereu ficar em depósito sob a égide daquela que lhe deu o dia (...), etc. Lisboa, 4 de Novembro.

Esta missiva, inédita, tinha por fim fazer cumprir a decisão oficial que autorizava Catarina de Andrada a permanecer em Lisboa, durante a estada de seu marido em Paris.

¹⁴

Avec ce numéro finit le dernier trimestre de 1842 et la moitié du 6e. volume de ce journal. Qu'il me soit permis de profiter de cette occasion pour remercier le public de l'appui vraiment extraordinaire que je viens de recevoir et qui m'encouragera à rendre la Revue que je rédige plus digne de la protection qu'on daigne lui accorder. Catherine Álvares de Andrada (*L'Abeille*, n.º 56, 1842).

A par destes talentos corre a cultura de todas as mais prendas que devem adornar qualquer senhora, nas diversas situações sociais, e sobretudo as qualidades essenciais que devem distinguir uma boa mãe de famílias. (...) Atendendo a que algumas mães de famílias, até das mais distintas na ordem social, se não apartam facilmente de suas filhas e preferem que, findas as horas do ensino, voltem diariamente à casa materna, admitem-se, mas só com a mais escrupulosa escolha, algumas discípulas externas. (...)

O interesse que tomamos no bem público nos obriga a recomendar este belo estabelecimento a todas as boas mães de famílias. *Silvestre Pinheiro Ferreira*¹⁵.

Reproduzimos este texto também na medida em que remete para um paradigma educacional destinado a promover a «educação feminina», adequada às necessidades e possibilidades da nova sociedade em desenvolvimento, no tempo e nas condições precárias em que nos encontrávamos, no domínio da instrução, como em muitos outros.

Silvestre Pinheiro Ferreira é um liberal nascido ainda no século XVIII. Mas o discurso corrente entre a geração que se segue à sua não trará muito de novo em relação à condição e às afirmações que aqui remetem para o estatuto outorgado às futuras mães de família. Pelo que respeita à figura de Mme. de Andrada, e descontando o eco possível de uma certa gratidão devida a serviços passados, sublinhe-se o valor atribuído às qualidades pedagógicas, morais e intelectuais que a terão imposto à admiração dos seus contemporâneos¹⁶.

A partir de Abril de 1843, *L'Abeille* deixa de se publicar, certamente por razões de ordem económica. Catarina de Andrada prossegue o seu trabalho de educadora, mas no final desta década atravessará um período particularmente difícil, que culmina com o falecimento de sua mãe, em 1850.

Em 1849, o jornal *Assembleia Literária*, dirigido por Antónia Gertrudes Pusich, também ligada ao «círculo de Castilho», lança uma campanha em favor da antiga directora de *L'Abeille*. Recorda o seu passado literário e publica um conto de sua autoria, «A tendeira de Plymouth»¹⁷. É o pretexto para chamar a atenção da gente grada da capital, publicando também o artigo-anúncio que atrás reproduzimos. Finalmente, surge um veemente texto apelando para a caridade do mundo elegante. Nas entrelinhas lê-se a difícil existência da mulher, abandonada e pobre, que Mme. de Andrada de facto foi:

AO PÚBLICO, EM ESPECIAL AOS ASSINANTES DESTE JORNAL: Madame C. de Andrada, outrora directora do jornal francês *L'Abeille* e hoje colaboradora do jornal que redigimos, constrangida a viver num retiro por

¹⁵ Vêm indicados os preços e o local: Rua da Emenda, 10. In *Revista Universal Lisbonense*, n.º 5, 1842, p. 60.

¹⁶ *L'Abeille* publicara, em 1836, uma extensa e elogiosa bibliografia das obras de Silvestre Pinheiro Ferreira, e bem assim uma gravura que o retratava.

¹⁷ Esta narrativa e a que virá publicada, em 1860, na *Revista Contemporânea de Portugal e do Brasil* remetem para temas frequentes em *L'Abeille*. Assim, «Uma rainha do século XIX» dá conta da dedicação de Catarina de Wurtemberg para com o seu marido, Jerónimo Bonaparte, nos mesmos termos em que a revista apontava qual devia ser a actuação da mulher perante o seu destino natural: o de esposa e mãe.

suas tristíssimas circunstâncias, na falta de suas discípulas, que se retiraram do colégio que esta senhora dirigia, o qual se extinguiu por ter caído gravemente doente a sua directora, Madame de Andrada, génio superior, dotada de muitas prendas, entre as quais realça a arte sublime da música, vítima de um acerbo desgosto doméstico, havia-se deixado possuir tanto do seu sentimento que sucumbiu e conservou por muito tempo abatido o seu grande espírito!... Ao brado da redactora da *Assembleia Literária* invocando à sociedade das damas de espírito, para ornarem com seus escritos a nossa literatura, ergue-se este génio e desperta como de um profundo letargo à voz amiga que a chama à vida literária, à existência mais gloriosa!... O seu nome torna a aparecer!... e são as colunas do nosso jornal que têm a satisfação de a recordar ao público; porque, visto este nome, o seu mérito não há-de esquecer. Madame de Andrada aparece também implorando a protecção dos beneméritos cavalheiros e nobres damas portuguesas para a auxiliarem na resolução que tomou de oferecer um concerto com os auspícios do nobre duque de Palmela, que teve a generosidade de lhe franquear para esse fim uma das salas no seu palácio de Calhariz; e dos Ex.^{mos} Srs. Conde do Farrobo, Conde de Linhares D. Rodrigo, Visconde da Carreira e mais cavalheiros e damas que hão-de acompanhá-la no mesmo concerto, assim como o Sr. Casela, que também executará no seu violoncelo algumas peças. Das senhoras que terão a satisfação de concorrer a este brilhante concerto, é a Ex.^{ma} Sr.^a Onill (*sic*), cantora sublime, uma das que se espera convertam, com sua voz angélica, em paraíso a sala onde terá lugar tão distinta reunião. E nem uma senhora da qualidade e do mérito de Madame Andrada devia esperar menos da elevação de sentimentos que caracteriza as almas bem formadas.

Nós imploramos ao público, e a nossos assinantes essencialmente, a sua protecção em favor desta Senhora tão digna de contemplação. Sendo aliás um dever salvar dos naufrágios da vida uma pessoa que, por seus talentos, pode ser muito útil à sociedade.

A redactora¹⁸.

O sucesso da festa em seu favor, também assinalado pela *Revista Universal Lisbonense*, situa, em certa medida, Mme. de Andrada entre as camadas sociais com quem se identificou. Entre os nomes acima citados encontramos alguns dos que aparecem nas crónicas de *L'Abeille*, ou se contaram entre os seus leitores, como o conde do Farrobo e a então Mlle. O'Neill.

As provas de estima e os resultados financeiros do tão falado concerto terão encorajado Mme. de Andrada. Antes de poder abrir novo colégio, em 1852, decide dar lições particulares a preços módicos, destinadas a senhoras adultas¹⁹.

¹⁸ *Assembleia Literária*, n.º 20, 1849, pp. 159-160. Devemos as indicações sobre Antónia Gertrudes Pusich e os jornais que dirigiu à amizade da Dr.^a Ivone Leal.

¹⁹ O anúncio publicado na *Revista Universal Lisbonense* em 1850, no n.º 21, diz:

EDUCAÇÃO. Madame Catarina de Andrada propõe-se de abrir um curso de inglês e francês, três vezes por semana alternativamente, para senhoras que quiserem aproveitar-se deste meio para se aperfeiçoarem no estudo destas duas belas línguas: o preço há-de ser extremamente módico. Madame Catarina de Andrada, pela sua longa permanência em Paris e Londres, julga-se em situação de poder ser útil às pessoas de distinção que apreciam os estudos literários (...)

Ainda em 1850, empenhada, desta vez, em instruir outras camadas mais modestas da burguesia lisboeta, no que terá sido o primeiro curso «de explicações» para mulheres, Catarina de Andrada vê-se obrigada a entrar em luta aberta com seu marido. A carta que desta vez dirige à rainha revela, sem rodeios, a sua situação real, de muitos conhecida. Seria a de bom número de outras mulheres, em Portugal, já nas vésperas da Regeneração: abandono, maus tratos, injúrias, roubo, ameaças... Reafirmando a sua recusa de recorrer aos tribunais, dá-se como «consorte abandonada sem causa, (...) e sem mancha nos seus deveres». Sublinha, entretanto, que um súbdito e servidor de Sua Majestade «carece primeiro que tudo de não dar exemplo revoltante de imoralidade», como parece ser o caso²⁰.

Simultaneamente, Mme. de Andrada escreve a Emídio Aquiles de Monte Verde, superior hierárquico de seu marido. O texto que segue dá conta do processo que lhe restava: a chantagem, transparente sob o discurso digno e resignado:

(...) on observera peut-être que personne ne peut obliger quelqu'un de donner du sien à autrui, mais il y a des cas tellement à part que tout change de face. Par insinuation l'on obtient beaucoup et qui plus est, Monsieur, je possède un document signé de mon mari, qui ne lui ferait nullement honneur, (...) si j'en faisais la publication, ce à quoi je me verrais obligée en ayant recours aux tribunaux, d'où j'obtiendrais prompt justice, mais j'aimerais autant éviter l'éclat pour tout le monde (...) ²¹.

Estamos em crer que os argumentos de Mme. de Andrada teriam tido efeito se seu marido não houvesse sido definitivamente exonerado dos seus cargos e títulos públicos no final de 1850.

Sem recursos, Catarina de Andrada procura sobreviver em Lisboa, antes de se resignar a um cargo de preceptora na província. Terá dado lições particulares ao futuro visconde de Castilho e talvez a outras crianças²².

Dotada de notável energia, participa ainda, com entusiasmo, na campanha de alfabetização rápida empreendida pelo poeta cego. Em carta recheada de encômios, dar-lhe-á conta da sua experiência²³.

Em 1853, o último episódio da sua «carreira» põe em foco a sua assiduidade às reuniões em casa de Castilho, dando também conta da notoriedade de que gozava no meio acanhado da capital. Com efeito, um jovem dramaturgo escreve a comédia *O Teatro e os Seus Mistérios*, que ridiculariza, juntamente com Mme. de Andrada, outros conhecidos personagens, literatos, na sua maioria. A peça de José Ovídio Romano é representada no Teatro Nacional²⁴.

²⁰ Carta de 20 de Agosto de 1850.

²¹ Id.

²² Cf. correspondência de Mme. de Andrada para Júlio de Castilho e para Carlota Vidal de Castilho, ainda inédita.

²³ Carta de Mme. de Andrada a António Feliciano de Castilho, escrita em Lisboa, sem data.

²⁴ Apesar dos nossos esforços nesse sentido, não foi ainda possível encontrar o texto que deve estar conservado na biblioteca do Conservatório Nacional. A *Revista dos Espectáculos* escreve a seu respeito uma curta e fria crítica, em que não transparece qualquer indignação:

(...) pela fidelidade com que ali estão reproduzidos alguns caracteres contemporâneos, e por a maneira por que outros ali se acham parodiados (...) (vol. 2.º, Fevereiro de 1853, p. 5).

De novo Gertrudes Antónia Pusich sai a terreiro, defendendo a dignidade da visada e acusando veementemente a corrupção do Conservatório Nacional, para já não falar da decadência em que entrara aquela casa de espectáculos²⁵.

Tratou-se de uma querela mesquinha, à medida da mediocridade reinante, mas o seu carácter de insignificante anedota não deixa de revelar alguma mudança nas estruturas mentais. A comprová-la estão as reivindicações de Antónia Pusich enquanto jornalista e a desenvoltura com que interpela as instituições e o poder acerca do estado do nosso teatro.

Quase sem excepção, os textos que temos vindo a reproduzir e a referir remetem, sem dúvida, para o sentir e o dizer, palavroso e eloquente, em que se foi esgotando o discurso romântico português, dentro e fora dos géneros ditos canónicos. Catarina de Andrada também utilizou, ou deixou utilizar, em seu nome, a retórica que hoje nos parece piegas e vazia. Este era o discurso patético-lamentoso que um Eça de Queirós há-de fulminar, mas que terá sido o mais eficaz para fazer vibrar a alma da fracção bem acomodada da nossa burguesia de Oitocentos.

Catarina de Andrada viu neste discurso a sua defesa. E talvez tenha projectado nele a imagem que de si mesma, por ele, lhe foi dada. Terá assim sido compensada a condição que o sistema vigente lhe impôs. Inteira e conscientemente assumida? É difícil sabê-lo. Mas parece-nos claro que algumas vezes o pôs em causa, por obras e por palavras.

A directora de colégio, a redactora de *L'Abeille*, ficaram na memória dos contemporâneos. Ajudou, para o bem e para o mal, a formar os espíritos de alguns dos jovens da geração de 50. Júlio de Castilho, Bulhão Pato... Talvez outros. E a sua acção ter-se-á feito sentir tanto mais quanto era ainda pequeno, e mimético, o meio lisboeta que frequentou.

Mme. de Andrada não podia ter sido a portadora, e menos ainda a combatente por um discurso próprio, ou «outro». Para sobreviver na sociedade que há-de acusar em *L'Abeille* por interposta palavra, usou a inteligência, a lisonja e alguma hipocrisia.

Os anos 30 a 50 situam-se ainda no prolongamento do retrocesso cultural verificado após Pombal, agravado pela guerra e, a seguir, pela luta civil que levou à implantação do regime liberal. Mas os limites da nova moral vigente, para uso das mulheres, eram ainda, na prática, particularmente estreitos. A viragem que começa a verificar-se a seguir pouco trará a Catarina de Andrada. O seu caminho tinha-se cumprido. Mas não terá sido por acaso que só então a veremos declarar em carta à *Revista Universal Lisbonense* a propósito da estreia de Eugénio Mazoni:

(...) A noite de sábado do corrente no Teatro de São Carlos fez sobre mim tanta impressão, que senti uma viva saudade de não redigir ainda o jornal francês *L'Abeille*, onde poderia dar lugar às minhas ideias (...)²⁶

Mme. de Andrada afirma, na carta que citamos, que «há já muito não vive no mundo». Sabemos que não é verdade, mas é certo que só neste ano de 1850 reivindica pela primeira vez o seu estatuto de escritora e de ser pensante.

²⁵ Em *A Beneficência*, n.º 8, 1853, pp. 2-4.

²⁶ *Revista Universal Lusitânia*, n.º 23, 1850. O texto que segue recorda os processos da crítica de espectáculos em *L'Abeille*.

Após as peripécias dos anos 53-54, Catarina de Andrada deixa Lisboa. Em 1859 encontramos-a em Santiago do Cacém, encarregada da educação das filhas de um rico lavrador. Mesmo afastada, tentará manter o contacto com a capital. Tenta estabelecer correspondência com Carlota Vidal de Castilho, sem grande resultado. As cartas trocadas entre as duas são, porém, documentos curiosos sobre a condição-situação destas duas mulheres: uma reduzida a respeitosa subalternidade, pela pobreza; a outra toda entregue, e um tanto alienada, à sua posição de esposa e de mãe de famílias, sem nada a dizer sobre si mesma²⁷.

Em 1860, a *Revista Contemporânea de Portugal e do Brasil* publica, com os eloquentíssimos elogios que lhe são habituais, um conto assinado por Catarina de Andrada, «Uma rainha do século XIX». Narrativa exemplar, quase edificante, no estilo de «A tendeira de Plymouth» e de muitas outras histórias de *L'Abeille*. Poucos meses depois, a morte, aparentemente inesperada, da autora é pranteada naquela revista, em elogio fúnebre que deixa transparecer uma genuína admiração, por entre a abundância dos lugares-comuns:

(...) Morreu D. Catarina Álvares de Andrada! Deixou ao nosso jornal um legado precioso. A última página!, a derradeira manifestação do seu belo talento!

Tributámos-lhe então a merecida admiração; prestamos-lhe agora respeitoso culto (...) O pensamento talvez da morte acordou-lhe a imaginação, reanimou-lhe a vontade, ressuscitou finalmente a escritora! Nesta missão se revelara a nós, nesta missão quis deixar-nos o último adeus! Adeus íntimo! Adeus saudoso! Adeus eloquente!

Foi trabalhosa a sua vida, mas, por isso mesmo, digna de maior respeito e simpatia. Lutou contra a adversidade sem nunca esmorecer, e vencendo-a pela resignação. Nascera, como todos os espíritos superiores, fadada para amar e sofrer. Cumpriu o destino.

A sua vocação, o seu enlevo, o seu culto, eram as letras; mas viu-se forçada a abandoná-las, não lhe bastavam para viver, e precisava viver (...) Depôs a pena aparada para novos trabalhos literários e foi ensinar o que sabia, que era muito (...) não deixando todavia de consagrar as horas vagas ao estudo e à leitura das modernas publicações, tanto nacionais como estrangeiras. Estava em dia com a nossa literatura e conhecia tudo o que havia de bom nela.

Bulhão Pato merecia-lhe verdadeira afeição, e era quase sempre a ele que revelava as suas impressões sobre os nossos melhores escritores, que muito prezava e devidamente julgava. Diz o mimoso poeta da *Paqueta* que as suas apreciações envergonhavam a maioria das análises críticas que por aí aparecem (...) ²⁸.

Elogio de circunstância na morte de um pequeno vulto célebre da pequena Lisboa de Oitocentos.

O texto prossegue ainda longamente, elogiando o último patrão de Catarina de Andrada e sua filha, morta pouco antes... o último desgosto da escritora. Mas a insistência acerca da coragem de Mme. de Andrada deve

²⁷ A carta de Carlota Vidal de Castilho em que esta se justifica por não ter respondido a missivas anteriores é datada de 8 de Abril de 1859.

²⁸ *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, n.º 7, 1860, pp. 336-337.

ser sublinhada. Com efeito, recusando famas dúbias de outras mulheres de letras, resignou-se (eis a grande palavra!) a duros trabalhos, mal remunerados, e sobreviveu.

É difícil, e mesmo inútil, tentar saber quem foi, de facto, esta mulher de rostos vários. Basta-nos, aqui, fixar, na medida do possível, a imagem que dela guardaram os contemporâneos, os leitores de *L'Abeille*... Para alguma juventude do nosso chamado «segundo romantismo», na versão mitigada e repetitiva de que *Paquita* hoje surge como exemplo acabado, Mme. de Andrada terá sido a mulher de génio, indicando o caminho a uma Antónia Gertrudes Pusich e a muitas outras que se lhe seguiram.

2. *L'ABEILLE*, JORNAL DO MUNDO ELEGANTE

Dissemos já como e porquê *L'Abeille* nasceu, se interrompeu, reapareceu e se manteve durante quase três anos (Outubro de 1840 a Abril de 1843), até morrer de inanição.

As colecções completas do periódico são relativamente raras nas bibliotecas públicas portuguesas. Aquela que consultámos está organizada em sete volumes e ronda as 1000 páginas. O 1.º volume de *L'Abeille* inclui os números publicados em 1840, por resolução expressa de Francisco de Andrada. A partir do 2.º volume, a revista passa a ser quinzenal, mas dobra o número de páginas.

Como repetidamente o afirmou o redactor principal, *L'Abeille* obrigou-o a investimentos elevados e nunca compensados. A impressão em francês, a qualidade das «gravuras de modas» e outras e as melhorias técnicas e estéticas que foi introduzindo encareciam o preço da assinatura e do exemplar avulso, sobretudo se os compararmos com os preços das suas congéneres. *L'Abeille* teve, pois, uma existência excepcionalmente longa para a época, graças à benevolência, à «protecção de pessoas ilustres», nunca nomeadas, e à dedicação de Francisco de Andrada e de sua mulher.

Como se pode observar nas capas, de tons pastel, hoje desmaiados, *L'Abeille* conservou, a partir de 1841, a designação de *Revue Encyclopédique*, seguida de uma espécie de sumário das suas ambições, mais do que das suas realizações:

LITTERATURE SCIENCES BEAUX-ARTS STATISTIQUES MEMOIRES ET VOYAGES HISTOIRES ET NOUVELLES EXTRAITS D'OUVRAGES INEDITS ET NOUVEAUX; REVUE DES REVUES ETRANGÈRES ET DES JOURNAUX ANNONCES ET ANALYSE DES PIÈCES DE THEATRE MODES ET MELANGES MUSIQUE NOUVELLE GRAVURES DE MODE ET AUTRES.

Quando Catarina de Andrada assume a direcção da revista, este rosário de sabedorias e prazeres desaparece, mas manter-se-á o elaborado monograma nas capas, que terão sobrado e serão utilizadas até ao fim.

O título de glória de *L'Abeille* e seu subtítulo final será: *L'Abeille, Revue Encyclopédique, publiée sous la protection de sa Majesté Très Fidèle*. Com efeito, este terá sido o prémio das constantes manifestações de dedicação, particularmente salientes na «Crónica da corte», redigida no estilo ajoelhado que *L'Abeille* adoptou para essa rubrica, religiosamente publicada até aos derradeiros números. O seu culto por Napoleão depois de morto e as permanentes homenagens à imperatriz Josefina também não podiam deixar de chamar a atenção da viúva de D. Pedro IV.

A vinheta que, também desde 1841, ornamenta a primeira página será acompanhada de uma quadra de Jean-Baptiste Rousseau. Ambas definem, com particular felicidade, os modos de ser e de agir deste curioso e ambíguo periódico:

Je vais jusqu'où je puis
Et semblable à l'abeille en nos jardins éclore
De différents fleurs je cueille et je compose
Le miel que je produis.

2.1 AS INTENÇÕES DE *L'ABEILLE*

L'Abeille caracterizou-se pela maleabilidade e pela capacidade de se identificar com os ventos dominantes. Variou para agradar, mas no domínio das posições de fundo, as de um jornal que aliou a uma imbatível galomania uma indefectível veneração pelo poder, desde que fortemente apoiado; o «jornal francês» de Lisboa foi de uma constância notável.

Muito do que sabemos da vida e opiniões de *L'Abeille* vem da pena de Francisco de Andrada, em «Notas de redacção», mais frequentes e prolixas do que as de sua mulher. Mas *L'Abeille*, já o dissemos, prefere utilizar o discurso dos outros. E fá-lo com grande liberdade. Exprime-se pela selecção dos textos que divulga, pelos comentários com que, não raro, os acompanha ou neles insere e, finalmente, pelo modo como os recontextualiza. Para falar em seu nome prefere escolher:

1. As resenhas bibliográficas, pouco frequentes, mas sempre dedicadas a obras e/ou a autores cuja escolha obedece a critérios de utilidade e moralidade;
2. As notícias, quase sempre do estrangeiro, privilegiando os actos e ditos dos «grandes», reis, príncipes, financeiros... ou os acontecimentos sensacionais..., devidamente comentados e dados como exemplos, de sinal positivo ou negativo.
3. A crónica «mundana», da corte, dos teatros e da cidade (leia-se «da vida elegante de Lisboa»).

Em termos globais, podemos afirmar que nada, ou quase nada, em *L'Abeille* se deveu ao caso ou à expansão de sentimentos espontâneos. *L'Abeille* foi um jornal recheado de intenções insinuadas, cuja análise ainda temos em mãos. Mas tudo indica que o seu «inocente» discurso de periódico «sem política» assenta na alusividade decalcada sobre o criptotexto da ideologia dominante, adaptado ao público feminino, que pretendeu captar.

2.2 A ESTRUTURA DE *L'ABEILLE*

O modelo inicial só apresenta modificações de monta quando os últimos números começam a ser quase inteiramente ocupados por longos excertos de romances, apontando para a prática da obra publicada em folhetim. Até 1842 tínhamos, assim:

1. Um texto de ficção, quase sempre identificado, conto ou novela curta, distribuído por não mais de três números;

2. Um ou dois textos curtos, história ou anedota, de carácter tal que permite incluí-lo na categoria da «narrativa exemplar»²⁹;
3. Descrições e relatos de viagens, em que incluímos as cartas de William Beckford;
4. Poesias, que vão rareando, o que vem confirmar a opinião de Almeida Garrett, lamentando, já em 1836, o pouco relevo dado aos versos...;
5. Miscelâneas em que avultam textos cuidadosamente escolhidos da *Gazette des Tribunaux*, em função, quase sempre, das opções ideológicas da revista, mas também com o simples propósito de fazer rir, introduzindo as aventuras e desventuras das classes inferiores.

A partir da data em que a *Revista Universal Lisbonense* saúda a nova directora de *L'Abeille*, as «notas da redacção» tornam-se menos numerosas e dão, algumas vezes, lugar a explicações de carácter linguístico, exigidas pela maior dificuldade dos textos de Eugène Sue e de Frederic Soulié publicados em dilatadas séries, de que uma ou duas ficaram por terminar. Entretanto não se registam grandes diferenças de tom ou de intenções. A presunção dos contemporâneos sobre a identidade da verdadeira obreira de *L'Abeille* parece, assim, justificar-se.

2.3 A RECEPÇÃO DE L'ABEILLE

Não é possível, neste caso, falar de «recepção» no sentido hoje corrente nos estudos literários. São ainda insuficientes os dados que pudemos recolher. Mas parece claro que o preço da revista reduziu, inevitavelmente, a sua difusão entre os leitores menos afortunados. Recorde-se, aliás, que *L'Abeille* foi inicialmente pensada para as classes elevadas da Nação. E será o seu abandono, expressamente deplorado por Francisco de Andrada, em 1842, que a levará a voltar-se, demasiado tarde, para «todas as classes»... numa fase em que era já Catarina de Andrada quem dominava o jornal.

Apesar das intenções e das promessas, *L'Abeille*, também o confessará o seu director, será um jornal para senhoras, que alguns homens liam, entre eles o conde de Farrobo. Com efeito, é curioso notar que, nos últimos tempos, Catarina de Andrada inclui romances de F. Soulié, que o Gabinete de Leitura de Pedro Bonnardel advertia serem «só para homens», com textos que o mesmo Gabinete indicava como «leituras que as mães podem permitir a suas filhas»...

É inútil acentuar que os frequentadores da casa de António Feliciano de Castilho conheciam o jornal. A referência a uma colecção completa consta de um dos catálogos do Club Lisbonense (1843). Uma outra fazia parte da biblioteca da duquesa viúva de Bragança.

Individualidades como Silvestre Pinheiro Ferreira apreciavam *L'Abeille*. E é quase certo que «as pessoas de qualidade» citadas na crónica mundana aí procuravam os seus nomes.

As polémicas de *L'Abeille*, nomeadamente a que, em 1836, a opôs a *O Nacional* e a *A Revista*, terão contribuído para lhe dar notoriedade. Com

²⁹ Cf. Susan Suleiman, «La structure d'apprentissage. Bildungsroman et roman à thèse», in *Poétique*, n.º 37, 1979. Ver também Karlheinz Stierle, «L'histoire comme exemple, l'exemple comme histoire. Contribution à la pragmatique et à la poétique des textes narratifs», in *Poétique*, n.º 10, 1972, pp. 172-179.

efeito, o pomo de discórdia foi a demasiada benevolência de *L'Abeille* para com a companhia francesa de Émile Doux, que Francisco de Andrada propunha, muito cedo, para professor dos artistas portugueses. Em 1840 esboça-se nova questão, desta vez em torno das cantoras que se exibiam no Teatro de S. Carlos. *L'Abeille* acaba por dar razão aos paladinos de Mme. Barili e aos de Mme. Bocabadatti e recusa prosseguir, lembrada, talvez, de algumas afirmações que em 1836 remetiam para as ambiguidades políticas do então responsável pela revista.

Em 1842, Mme. de Andrada desiste de atrair o largo público antes sonhado. Bastar-lhe-á ser a redactora de «um jornal único em Portugal». E acrescenta, ainda esperançada:

(...) D'ailleurs en voyant tant de persévérance, nous sommes persuadés que les personnes justes et sensées seront de notre côté et continueront à encourager cette entreprise³⁰.

2.4 O FRACASSO DE *L'ABEILLE*

O «jornal francês de Lisboa» estava, de facto, destinado ao fracasso. *L'Abeille* de 1836 tenta utilizar o fascínio que Paris exerce sobre Lisboa para «fazer passar» as ideias que defende, através de um discurso que remete para a saudade mal disfarçada do passado e para um conservadorismo difuso que Francisco de Andrada expressamente identifica com a opção pelo hoje chamado «cartismo»³¹. O seu erro maior, porém, foi a ilusão que a fez crer num vasto público estranhadamente francófilo, capaz de a sustentar, culto e «civilizado» e optando por uma ordem pública enérgica.

O seu cosmopolitismo de pacotilha também foi extemporâneo. Em 1836 domina um nacionalismo necessário e o desejo de um retorno ao velho Portugal redimido. Os requintes de um Paris de luxo, mais imaginado que vivido por Francisco de Andrada, ainda não podiam ser imitados, ou sequer apreciados. Não fora essa, de resto, a França dos emigrados que regressavam, cientes da necessidade de adaptar o modo europeu à nossa realidade.

L'Abeille acabou por irritar, assim, alguns daqueles a quem mais teria querido agradar. Achou-se entre os fogos cruzados dos grupos em contradição, que se configuravam em vésperas da Revolução de Setembro. No Verão agitado de 1836 é manifestamente esquecida. Não havia então já tempo para teatros e futilidades...

Em 1840, *L'Abeille* vem tarde. Aumentou o número dos que lêem e alastra o chamado «francesismo»... mas lê-se em português a literatura que vem de fora. A revista nunca chega a ser a mentora ou a medianeira de uma nova «socialidade» que se desenvolveu sem ela. Com efeito, mostrou-se incapaz de conciliar a qualidade literária a que aspirou com o código moral e ideológico em que apostou. Excluiu obras de Balzac, por inconvenientes, ignorou Victor Hugo, por excessivo, e não admitiu os escritores ditos «muito populares no seu tempo», à excepção dos que citámos. Prudentemente, optou pela mediania de «escreventes» de segunda plana.

³⁰ *L'Abeille*, n.º 50, 1842, p. 90.

³¹ A problemática complexa que envolvia o confronto entre cartismo e setembrismo reflectia-se então em toda a imprensa periódica, incluindo os jornais «sem política». Ai afloravam contradições que correspondiam a clivagens profundas, após o curto interregno da paz, reencontrada numa falaciosa reconciliação de interesses irreconciliáveis.

Os textos de ficção mais frequentes em *L'Abeille*, além de «exemplares», são também modelos de um «discurso argumentativo» recheado de este-reótipos destinados a instilar no espírito de quem lia o «já dito» e o «já feito», aceite como natural e imutável. Apenas, a sua versão adocicada do «justo meio termo» era-o já de mais nos anos 40. Reinava o «francesismo», mas *L'Abeille*, salvaguardadas as excepções de que a seguir trataremos, procurou textos capazes de compensarem as ideias perigosas que também vinham de França...

3. A CONDIÇÃO DA MULHER NOS TEXTOS DE *L'ABEILLE*

3.1 A FICÇÃO

Em *L'Abeille* não podia predominar o discurso feminino, no sentido que hoje lhe é dado. E será um lugar consabido afirmar que nesta época predominou, e predominaria, o discurso masculino. *L'Abeille* disse, pois, o que dela era esperado por homens e por mulheres. E, se Catarina de Andrada conhecia um discurso «outro», viu-o e deu-o a ler como o discurso da transgressão.

Dissemos que os textos ficcionais de *L'Abeille* são, em muitos casos, de natureza exemplar. É, pois, quando recorre, cautelosamente, a uma exemplaridade negativa, destinada a prevenir e/ou denunciar males reais, que os discursos de condenação deixam entrever a face a ocultar/censurar da sociedade, que bem conhece.

No estado presente da nossa leitura, os resultados mais salientes apontam para uma prática de conformação ao código de valores que substituíra, apesar de tudo, as regras mais particularmente cruéis que impendiam sobre o comportamento feminino, num sistema de vigência então muito recente. Assim, temos que:

1. A maior parte das histórias de *L'Abeille* remete para o universo masculino e tem por protagonistas homens, não raro personagens históricos; as personagens femininas são ditas pelo discurso do narrador-autor, que entende a mulher nestes termos:

LA FEMME (traduit de l'anglais).

Rien n'est plus touchant que de voir un être *que la nature a fait si faible et si sensible, chancelant à la plus légère aspérité* dans le sentier de la vie, prendre tout à coup une force d'esprit extraordinaire et devenir le soutien d'un époux brisé par le malheur (...) (entenda-se «revés de fortuna»). *Ce lierre* qui a longtemps embrassé le chêne, appui de son racieux feuillage, enlace plus tendrement l'arbre majestueux déchiré par la foudre; de même, par *la douce volonté de la Providence, la femme, ornement de l'homme dans la prospérité, adoucit dans l'infortune l'amertume de son coeur* et soutient sa tête défaillante (sublinhados nossos)³².

³² *L'Abeille*, n.º 1, 1836.

2. As figuras femininas falam pouco. São dadas como sujeitos passivos das acções e desejos do homem. Manifestam-se pelo silêncio obediente, pelas lágrimas ou pelo sorriso. São discretas nas suas exteriorizações afectivas, sancionadas, de resto, pelo quadro da relação conjugal;
3. A situação «perfeita» é a do casamento ou aquela que a ele conduz, às vezes por vias acidentadas;
4. A personagem masculina que detém «a parte de leão» no discurso narrativo é quase sempre um homem douto e avisado, de idade indefinida, mas detentor de vasta experiência do mundo. O voz do narrador é, quase sem excepção, incontestada.

3.2 A «REPORTAGEM»

Entre o conto e o «ensaio» encontramos a curta notícia e mesmo alguns textos longos a revelarem uma certa fascinação pelas audácias, criminosas ou louváveis, de certas mulheres. Assim, a envenenadora Maria Capelle é objecto de relatos pormenorizados, e indignados, ao longo de vários números de *L'Abeille*, muitos anos antes de Amorim Viana lhe ter consagrado um interessante estudo³³. Mas também surgem os nomes de mulheres que fizeram carreira nas artes, nas letras e na ciência, como Mme. Boivin.

L'Abeille dá particular relevo às mulheres que vivem dos seus escritos. Citam-se os proventos obtidos por Mesdames Ancelot, Dudevant e a condessa Dash. E acrescenta-se:

Ce n'est pas comme économie que la culture des lettres est dangereuse. Maintenant, je conviendrai avec tout le monde qu'une femme doit être aussi circonspecte dans ses écrits que dans sa vie privée. Que les femmes écrivent pour les femmes, pour la jeunesse, cette génération nouvelle dont nous dirigeons les premières impressions, c'est bien! Voilà quelle doit être notre vocation. Nous seules savons développer avec patience, avec douceur, les qualités de l'enfance. Nous seules savons ce qu'il faut pour instruire, pour amuser les femmes; et les instruire, c'est les moraliser (...) ³⁴.

Mas *L'Abeille*, que não perdoará a George Sand uma intempestiva emancipação, prefere, manifestamente, autoras que hão-de figurar ainda em livros para a mocidade das escolas portuguesas mais de 60 anos depois³⁵.

3.3 O «ENSAIO»

Neste ponto cabe referir uma série de textos cujo número e extensão aumentam a partir de 1841, embora haja exemplos anteriores.

Sob o título «De la condition sociale des femmes au dix-neuvième siècle», diz-se:

³³ Pedro Amorim Viana, *Memórias de Madame Lafarge, com Um Estudo Moral acerca da Autora, Escrito pelo Tradutor*, Porto, 1873. Cf. também Vítor de Sá, «Amorim Viana e Mme. Lafarge», in *Estrada Larga*, n.º 3, s. d., pp. 131-151.

³⁴ *L'Abeille*, n.º 51, 1842, pp. 44-45.

³⁵ Cf. *Selecta de Autores Franceses. Prosa e Poesia*, organizada por João Chêze, com notas de A. R. Gonçalves Viana, Aillaud, Lisboa-Paris, 1906.

Nous comptons donner quelques articles progressifs sur ce sujet important, ainsi que sur les devoirs des Femmes et les moyens les plus propres d'assurer leur bonheur³⁶.

Seguir-se-ão «Destinée des femmes» et «Sur l'éducation des demoiselles».

Não vêm assinados, o que leva a atribuí-los a adaptações livres devidas a Mme. de Andrada, que, um pouco mais tarde, em 1842, reproduz, com comentários intercalados, um conhecido manual, da autoria de Nathalie de Lajolais, cujo conteúdo vem ao encontro das suas próprias posições.

Os textos anónimos revelam-se audaciosos nas opiniões e na acusação da sociedade, principal responsável por «le malheur et l'injustice de la condition sociale des femmes». E vai-se até à denúncia de situações indizíveis... em português:

Songe-t-on à quel point les jeunes filles sont parfois tyranisées par ceux qui leur devraient amour et protection; imagine-t-on quels exemples révoltants (...) elles ont quelques fois sous les yeux! comment elles se trouvent parfois sous le coup de la jalousie d'une mère ou de la brutalité d'un père...³⁷

Estas e outras razões justificam o casamento a qualquer preço. Com efeito, se *L'Abeille* nunca refere casos concretos, não deixa de revelar, com notável coragem, a situação da mulher só, essa sim, ocultada pelo discurso masculino citado entre aspas:

«(...) les femmes sont faites pour être épouses et mères! elles sont émancipées à leur majorité! elles sont libres de droit!» Quelle triste raillerie (...) Mais il y a au moins un tiers des femmes auxquelles leur position sociale fait obstacle et qui ne peuvent remplir cette sainte destination. C'est un profond malheur que celui des femmes dont la destinée est ainsi manquée; ce sont des vies fécondes frappées de stérilité, de hautes qualités, de nobles et affectueux sentiments qui ne servent qu'à aggraver de celles qui en ont reçu le funeste avantage.

(...)

Et quel dédommagement apporte le monde à une condition si funeste et si douloureuse? Le monde déverse à pleines mains le ridicule sur ces silencieuses victimes de ses institutions, il les repousse et les rebute³⁸.

Curiosamente, o convento parece estar fora das soluções perspectivadas por *L'Abeille*, que não ousa verberar a extinção das ordens religiosas. O remédio está, em seu entender, na educação a dar às jovens. A deformação a que são sujeitas é analisada num passo que Eça de Queirós subscreveria sem hesitação. Finalmente, vem um apelo à solidariedade entre as mulheres, a quem incumbe a modificação dos costumes. A modificação das leis incumbe aos homens, como será, a seguir, expressamente afirmado. Entretanto, a actualidade deste texto fica aqui registada:

³⁶ *L'Abeille*, n.º 11, 1841, pp. 500-509.

³⁷ *Ibid.*, p. 504.

³⁸ *Ibid.*, p. 503.

C'est par le bienfait d'une éducation plus ferme et plus sérieuse que l'on verra s'affaiblir ces préjugés de fortune et de naissance qui semblent n'avoir nullement gardé plus de force et de raideur que chez les femmes (...)

(...)

Avec les bonnes moeurs viendront aussi chez les femmes l'indulgence et la charité pour les femmes; alors on ne les verra plus, comme aujourd'hui, infatigables à se poursuivre, à s'accuser, à se déchirer l'une l'autre (...) Ce sont les femmes qui font plus de mal aux femmes. Ce sont les femmes qui sont leurs propres ennemies, qui façonnent les chaînes dont elles se chargent, qui entretiennent les préjugés dont elles se tyrannisent, qui acèrent, qui enveniment la médisance dont elles se déchirent. Ah! ce doit être là la première des réformes! que les femmes, dans leur humiliation commune, se rapprochent et s'unissent, au lieu de se maudire (...)³⁹

CONCLUSÃO

A directora de *L'Abeille* acolhe e desenvolve, neste como nos textos que seguem, temas candentes entrecruzados num discurso contraditório. A denúncia segue-se o conselho da submissão desejável... e inevitável no estado de coisas então vigente. Condena-se o divórcio com veemência, em nome da dignidade mesma da mulher, para quem o casamento é, sobretudo, a única defesa de que dispõe. Reconhecem-se na mulher qualidades equivalentes e mesmo superiores às de muitos homens, mas nega-se-lhe o seu exercício em nome dos deveres da maternidade. Não citaremos esses textos, dada a sua extensão. Mas assinalamos que o tom patético, que hoje seria ridículo, tinha então um alcance real⁴⁰. *L'Abeille* oscilará entre a ousadia e a resignação, mas optará, em última análise, por esta.

Nunca poderemos saber que sementes deixou, e por isso nos remetemos, de novo, para o domínio das conjecturas. Limitar-nos-emos a assinalar o contra-discurso que podem ter sido os textos biográficos sobre mulheres com lugar na história: a imperatriz Josefina, já citada, Cristina da Suécia, Catarina da Rússia e Maria Teresa da Áustria, unidas no mesmo artigo... O respeito de *L'Abeille* pelo trono, onde quer que este tenha existido, não justifica inteiramente a notícia que as dá como acima de toda a suspeita e, sobretudo, de toda a censura. Em casos mais controversos — Mlle. Mars ou Maria Malibran — opta-se pela homenagem no fim de uma carreira ou na hora da morte.

São duas faces de *L'Abeille* que nos levam a reflectir sobre certas páginas, de Almeida Garrett a Eça de Queirós, acerca da condição da mulher.

³⁹ *L'Abeille*, pp. 508-509.

⁴⁰ O texto, intitulado «Destinée des Femmes», termina assim:

La femme est la Providence de l'homme dans la terre. Destiné à la protéger, il peut abuser de sa force et de son autorité; il peut se montrer dur, ingrat, déchirer le cœur qui ne battait que pour lui, meurtrit le sein qui l'a nourri, et la femme précipitée au tombeau par l'esclavage et la douleur n'aurait encore rien à envier à son maître. (*L'Abeille*, n.º 36, 1842.)

L'Abeille não podia, no momento em que se publicou, ter ido mais longe. Mas reivindica e acusa como pode. Exigindo uma autonomia muito relativa para as mulheres «de espírito» e até para as outras, configurou um discurso que aqui e ali terá ecoado no espírito das leitoras silenciosas. Não podemos estranhar nem as suas contradições nem as suas limitações. Muito do que disse entre 1840 e 1843 soava a novo e será novo ainda por muitos anos.

Lisboa, 22 de Maio de 1985.